

Espaço Crítico



O PAPEL DO EMPODERAMENTO NA LUTA ANTIRRACISTA

Maciana de Freitas e Souza¹

Francisca Ilania de Alencar²

Aylana Paula dos Santos Silva³

“O que é Empoderamento”? escrito pela arquiteta e urbanista Joice Berth, título da coleção feminismos plurais, coordenada pela filósofa Djamila Ribeiro, traz reflexões a respeito do conceito de empoderamento evidenciando as concepções de diversos intelectuais a exemplo de Paulo Freire, Michel Foucault, Hannah Arendt bem como apresenta conceitos do feminismo negro do pensamento de Bell Hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis e entre outras autoras. O livro é dividido em quatro partes intituladas: “Opressões estruturais e empoderamento: um ajuste necessário”, “Ressignificação pelo feminismo negro”, “Estética e afetividade: noções de empoderamento” e as considerações finais.

Berth inicia seu percurso a partir de contribuições teóricas afirmadas em Michel Foucault e Hannah Arendt para explicar o que se entende por poder. Para Foucault, o poder se constitui enquanto prática de controle social e dominação que atravessa toda a estrutura social. Para a filósofa alemã, o poder resulta do “agir conjunto”, portanto, somente o coletivo pode fornecer respostas relevantes para a produção de ações – resistências. A autora expõe algumas causas legitimadoras da expansão das desigualdades, causas que se fazem importante conhecer, e chama atenção para a lógica neoliberal e seu processo de manutenção do status quo.

Para Berth na perspectiva freireana é importante que o empoderamento seja fundado numa percepção crítica sobre a realidade social para a construção de ações práticas na realidade concreta, pois sem se contrapor à ordem vigente não há empoderamento efetivo. Por isso assinala Berth que:

(...) quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (BERTH, 2018, p.14).

A nossa formação dependente, com sua economia escravista, trouxe diversas implicações socioeconômicas, políticas e culturais para a população negra. Nesse sentido, há uma manutenção das estruturas hierárquicas que legitima essas opressões. Desse ponto de vista, empoderar-se, para Berth, “(...) é um instrumento de emancipação política e social”, com vistas a possibilidade de direitos e autonomia dos sujeitos (BERTH, 2018, p.42).

Diante dessas considerações, surge o desafio do ensino-aprendizagem a partir da teoria crítica para a construção de uma educação emancipadora que possa

¹ Pós-Graduada em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela instituição Faculdade Vale do Jaguaribe. Bacharela em serviço social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN).

² Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN)

³ Graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN).

compreender as dinâmicas e narrativas para a transformação social. Berth enfatiza que “(...) uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento” (BERTH, 2018, p. 42). Dessa forma, além do ensino, a questão organizativa se constitui também como um ponto fundamental para que mudanças sociais e políticas possam ser vistas na realidade.

O enfoque principal do livro está na importância do feminismo negro bem como da luta social para o alcance de direitos. A autora reforça a necessidade de um olhar atento às situações de assimetrias por meio de uma abordagem respeitosa, no intuito de evitar a reprodução de estereótipos e noções problemáticas acerca dessas temáticas. A partir disso, Joice Berth ressalta que muitas vezes pela mídia o “empoderamento” é visto apenas por uma ótica individual, levando ao esvaziamento original do termo e apropriação do discurso pelos grupos hegemônicos:

O empoderamento enquanto prática social necessária no ápice de sua cooptação e distorção tem sido literalmente vendida sobretudo por aqueles que almejam manter o status quo formador de acúmulos e desequilíbrios sociais. Esse fenômeno social cria clãs micro-opressores que não tem condições psicológicas para conduzir outros indivíduos pelos caminhos processuais de autodescoberta sociopolítica, simplesmente porque nem ao menos buscaram erradicar dentro de si mesmos as internalizações perversas do sistema de opressão a que estão expostos (BERTH, 2018, p.83).

Conforme o neoliberalismo se desenvolve, por meio das instituições ele amplia seu poderio, na realidade, não há a intenção ou um projeto nesse sentido de mudanças das relações de poder, mas sua lógica está voltada a “(...) continuar exercendo o controle social sobre grupos oprimidos e não visam a transformação” (BERTH, 2018, p.54). É diante desse cenário que para Berth (2018, p.131) o mercado exerce:

Apropriação do discurso para a venda de um empoderamento pasteurizado, de fachada, paternalista, mais interessado em manter o estado atual das coisas do que estimular o caldo efervescente de personalidades e demandas silenciadas por opressões que se cruzam.

O feminismo negro compreende que as categorias estruturais raça, gênero e classe não devem ser vistas de forma dissociadas. Embora a interseccionalidade paute o discurso do movimento feminista e negro, muitas instituições ainda reproduzem a lógica colonial. Nesse sentido cabe perguntar: É possível avançar significativamente sem se contrapor ao ensino pautado na visão colonial?

Apesar das mudanças existentes na sociedade brasileira com a criação de políticas públicas afirmativas, tem-se muito para avançar na prática. Nesse processo, considera-se de fundamental importância leituras que possam contribuir com a desconstrução de práticas discriminatórias e com a formação política dos brasileiros. Portanto se faz necessário uma educação antirracista e decolonial, que seja construída por aqueles que foram subalternizados pelo sistema capitalista e hegemônico, tendo como eixo um pensamento crítico e reflexivo. – pois como aborda Berth “Empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo” (BERTH, 2018, p. 130).

Desse modo, consideramos de grande importância o papel do feminismo negro, enquanto abordagem crítica que revela a produção de hierarquias e contribui para a organização e a resistência das mulheres negras. A compreensão dos processos históricos como também a questão de gênero e outras categorias sociais e políticas precisam ser consideradas em sala de aula, pois na realidade brasileira há uma sub-representação das mulheres negras nos espaços públicos, portanto é preciso construir “estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade” (BERTH, 2018, p.73).

Portanto, a escrita de Joice Beth reforça o empoderamento enquanto prática social que visa descortinar as opressões de raça e gênero, de modo a fortalecer a luta antirracista e o Estado Democrático de Direito. Neste sentido, as reflexões produzidas devem ser ponto de partida para a atualização de nossas análises conjunturais tendo como horizonte a construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIA

BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.